



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

THAIS DOS SANTOS TERRA

AS AÇÕES DA ESCOLA FRENTE AO FRACASSO ESCOLAR

Brasília

2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

THAIS DOS SANTOS TERRA

AS AÇÕES DA ESCOLA FRENTE AO FRACASSO ESCOLAR

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, submetido à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza

Brasília

2015



Monografia de autoria de Thais dos Santos Terra, intitulada As ações da Escola frente ao fracasso escolar, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em 11 de dezembro de 2015, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília
Dezembro de 2015

Dedico este trabalho a minha filha Sarah Santos Oliveira Cruz, que foi meu maior incentivo e motivação em toda minha Graduação, a Deus que se fez presente em toda caminhada até aqui, e a todas as pessoas que contribuíram para que essa etapa fosse concluída.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente quero agradecer a Deus, por estar sempre ao meu lado dando força para não desistir nos momentos difíceis da minha graduação.

A minha mãe Ana Maria dos Santos Terra, que cuidou da minha filha no período de aula para que eu pudesse estudar.

Ao meu irmão Thiago dos Santos Terra, pelo exemplo a seguir e por toda credibilidade depositada em meu potencial.

Ao meu namorado Glaubert Moreira Schult, pelo apoio, por me mostrar que o caminho da Educação poderia transformar meu futuro, por acreditar que seria capaz não só de chegar à Universidade de Brasília, assim como concluir o curso com louvor.

A professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira pela orientação durante curso e todo apoio pedagógico na caminhada acadêmica.

A minha orientadora Maria Emília Gonzaga de Sousa, por toda paciência e acolhimento após o afastamento da professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

A minha filha Sarah Santos Oliveira Cruz, por ter sido o motivo de todas as minhas batalhas por um futuro digno.

E a todas as pessoas que de certa forma contribuíram na minha formação como pedagoga.

*Ninguém te poderá resistir durante toda a tua vida;
assim como estive com Moisés, estarei contigo:
jamais te abandonarei, nem te desampararei!*

Josué 1:5

Sumário

RESUMO.....	8
Memorial Educativo.....	9
JUSTIFICATIVA.....	13
1.Referencial Teórico.....	16
1.1 O Fracasso Escolar.....	16
1.2 Breve Histórico da Família.....	22
1.3 A Família e Escola.....	26
1.4 Ações que evitam o fracasso escolar.....	31
1.5 Conselho Escolar.....	35
2. METODOLOGIA.....	37
2.1. Definição de pesquisa qualitativa.....	37
2.2. Pesquisa exploratória e descritiva.....	38
2.3. Coleta de dados.....	38
2.4 Sujeitos da pesquisa.....	38
3. ANÁLISE DE DADOS.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE.....	49

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar as ações da escola frente ao fracasso escolar através da visão de cinco professores da rede pública de ensino do Distrito Federal. Através referencial teórico a cerca do fracasso escolar foi elaborado com base nos estudos de Patto (2010) e Bossa (2012). A pesquisa tem uma metodologia de caráter qualitativo. Para a coleta dos dados o instrumento utilizado foi um questionário com seis perguntas encaminhado a cinco docentes da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal. Com a realização da pesquisa pude perceber que a escola por mais que tenha algumas estratégias para o combate ao fracasso escolar, ainda deixa muito a desejar, que os professores estão descontentes com suas condições de trabalho e que os alunos são estereotipados e predestinados ao fracasso por suas condições sociais.

Palavras-chave: Fracasso. Escola. Aluno. Aprendizagem.

Memorial Educativo

Meu nome é Thais dos Santos Terra, Nasci no dia 26 de novembro do ano de 1987, na cidade de Campos Belos no Estado de Goiás. É minha cidade natal e meus familiares em sua maioria residem nesta cidade. Minha mãe morava em Brasília, mas resolveu fazer o parto em Campos Belos porque conhecia os médicos e confiava, e para estar perto da família no momento também. Assim que passou seu resguardo ela voltou a Brasília.

Minha trajetória escolar começou aos 6 anos de idade numa escola pública em Vicente Pires, a escola era localizada em um setor de chácaras onde em uma delas eu minha mãe e irmã morávamos. A escola ficava a certa distancia da minha casa e a estrada era de chão, sem asfalto. dessa época me lembro de poucas recordações, mas as que marcaram profundamente foi a imagem da primeira professora.

Ela era muito doce e amável, e bonita. Quando penso nela apesar de não conseguir recordar todos os traços do seu rosto floresce em mim um sentimento de saudade. Comecei bem em quesito de afetividade no ensino. O método de ensino era o tradicional, com cartilhas e o formal modo de alfabetizar ensinado primeiro as letras, depois silabas, palavras até chegar a frases.

Após esse inicio no mundo escolar me lembro da segunda professora, já bem diferente da inicial. Ela era ótima para ensinar a matemática, isso marcou. Mas era bem direta e as vezes até grossa. Acho que o perfil dela não era para a faixa etária da turma, mas era uma profissional competente. Dessa época me lembro que uma vez em sala de aula, um aluno me chamou de "Gostosa", eu não entendi o que ele queria dizer com aquela palavra, e perguntei à professora, que retrucou a ele perguntando se eu era uma fruta para ter gosto bom. Hoje eu entendo que dentro do meio escolar principalmente nas escolas mais desfavorecidas algumas crianças tem um convivo e ambiente familiar fora do padrão de sua faixa etária.

Estudei nessa escola até acho que a terceira serie do ensino fundamental e minha mãe resolveu se mudar para Brasilândia, foi uma mudança bem radical e eu e minha irmã tivemos que estudar la agora. Dessa época eu me lembro de pouca coisa, pois durou bem pouco. Acho que nem o ano letivo completei na instituição.

Mudamos mais uma vez, agora fomos para Taguatinga Sul, fui matriculada na Escola Classe 11, dessa época que realmente posso contar que me lembro do período escolar. Lá estudei esse até a quarta série do ensino fundamental e fui encaminhada ao Centro de Ensino 05 de Taguatinga.

Quando cheguei a essa escola foi uma experiência nova, pois era do quinto ao nono ano do ensino fundamental, então eu já convivía com alunos mais velhos nas horas de recreação e corredores. Agora invés de um professor eu tinha uma para cada matéria e o conteúdo era bem mais difícil. Lembro-me que em sala tinham alguns alunos que eram repetentes e fora da faixa etária da turma, isso me chamava atenção desde já pelo fato do fracasso escolar, mas ainda não tinha muita noção do que seria isso.

Nos primeiros anos eu conseguia acompanhar as disciplinas, mas na sétima série eu comecei a me envolver com colegas que não estavam muito preocupadas com os estudos e aquele meio que eu vivia dentro da escola me influenciou, matei aulas para ir ao shopping, para ficar na praça ou mesmo para fazer nada do lado de fora da escola. Esse ano eu reprovei.

Lembro-me que em casa minha mãe não era muito presente em assuntos escolares, ela não sabia se eu fazia ou não as atividades escolares, e não participava das reuniões da classe. Hoje fazendo uma reflexão desse momento da minha vida, vejo a ligação da importância que tem a família estar aliada a escola e ser uma parceria no combate ao fracasso escolar.

Enfim concluí o ensino fundamental e cheguei ao ensino médio. Dessa vez no centro de ensino médio 03 de Taguatinga. Foi uma transformação, pela primeira vez tive contato com a filosofia e seus Pensadores me apaixonaram. Consegui entender física e química e ouvia todos os professores falarem em todas as aulas da Universidade de Brasília, incentivava a estudar, a fazer graduação e finalmente eu comecei a pensar em faculdade como uma coisa menos distante da minha realidade, porque na minha família todas as minhas primas que foram criadas em Campos belos tinham essa meta desde a infância, influenciadas por minhas tias que são todas docentes.

No segundo ano do ensino médio eu comecei a trabalhar em um escritório de contabilidade como recepcionista, tive que passar para o turno noturno da escola e foi um balde água fria. Era como se fosse outro universo, não eram os mesmos professores que

acreditavam no sucesso daqueles alunos, estavam ali apenas para cumprir o horário e para os alunos ali matriculados o ensino médio era a meta final. Fiquei bem desmotivada mas mesmo assim continuei firme no meu pensamento de fazer faculdade. Nas férias ia a Campos Belos e encontrava primos e amigos que todos já estavam ou inseridos no mundo acadêmico ou prestes a entrar, era o assunto e eu me sentia um peixe fora d'água, porque sabia que se não passasse em uma universidade pública minha mãe não teria condições de pagar um ensino superior particular.

No meio do meu segundo ano do ensino médio minha mãe resolveu se mudar de volta para campos Belos, eu quase entrei em depressão, pois lá o ensino era fraco e o meu sonho de UNB foi por água a baixo. Não consegui me acostumar a mudança de cara, e engordei em uns dois meses quase dez quilos. No terceiro ano prestes a sair do ensino médio reprovei novamente. No meio do ano seguinte eu já tinha aceitado a mudança e voltado ao meu peso normal, estava ainda no terceiro ano do ensino médio quando descobri que estava grávida. Conclui o ensino médio e fiquei por conta de me dedicar a minha filha. Adiei o mais uma vez a possibilidade de fazer uma graduação.

Quando minha filha completou dois anos eu resolvi fazer a inscrição do vestibular para pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, meu namorado tinha se formado muito novo em ciências da Computação e já era concursado no Serpro como Analista de Sistemas, ele era meu exemplo e me incentivava a estudar pois temos a mesma idade. Infelizmente quando cheguei nos portões da escola que iria fazer a prova não achei meu nome no lista no mural, fui a outra e não achei também e quando voltei e finalmente achei meu nome os portões estavam fechados e não pude fazer a prova. Perdi mais um ano. O vestibular era anual e eu teria de esperar mais um ano para conseguir fazer a prova novamente.

No ano seguinte eu estudei e cheguei cedo para fazer a prova, ao olhar o resultado eu nem acreditava, fiquei em quinto lugar na classificação. Foi ali que eu comecei a acreditar de verdade em mim, e vi que mesmos com todos os obstáculos sociais que me levaram aquela situação eu poderia revertê-la.

Comecei minha graduação e fiz o curso por dois anos na UEG, mas meu sonho era a Universidade de Brasília, e meu namorado morava em Brasília também, pois mesmo sendo de campos Belos ele estudou e se graduou no Distrito Federal. Eu resolvi acreditar em mim, tranquei meu curso e me mudei para Taguatinga Sul- DF de novo, fiquei sem

estudar seis meses esperando a prova de transferência em dezembro de 2012. Fiz a prova e finalmente entrei na Universidade de Brasília.

Conhecer a Faculdade de Educação foi uma experiência nova e deslumbrante, tantos professores maravilhosos, projetos e oportunidades. Quando entrei em 2013 fiquei um tempo a espera do resultado de aproveitamento de créditos, nesse período me matriculei via coordenador em poucas matérias para chegar devagar e conseguir acompanhar o novo ritmo. O resultado dos estudos independentes só saiu no final do semestre. Por fim, quase todas as matérias que eu estava cursando foram aproveitadas, e foi como se eu tivesse perdido mais esse semestre.

No semestre seguinte eu já estava adaptada e comecei de fato minha trajetória na UNB, foram matérias que me fizeram refletir cada vez mais e agora com a bagagem de conhecimento teórico adquirido na graduação eu pude refletir sobre a minha situação e o que me levou a quase estar entre o índice de fracasso escolar. E também que é possível reverter esse processo. Que é uma questão de cunho cultural e social, onde o aluno é tido como culpado e estereotipado.

Fiz os projetos 3 com a Professora Sônia Marise e pude conhecer realidades bem mais desfavorecidas que as que eu tinha vivido, mas quando cheguei ao projeto 4 eu conheci a Professora Teresa Cristina e me encantei não só com ela mas com a linha de pensamento, pronto! Estava decidida, ela seria minha orientadora, com ela fiz as duas fases do projeto e decidi meu tema sobre o fracasso escolar. Matriculei-me finalmente no projeto final de curso com ela, mas infelizmente ela adoeceu e se afastou da Universidade, então a professora e Coordenadora do curso Maria Emília se disponibilizou a me orientar e estamos concluindo o trabalho.

Quando eu pensava no Trabalho Final de Curso, confesso surgir um sentimento de medo pois por mais que estejamos sendo preparados para ele desde a graduação, é um trabalho novo e muito importante. Agora estou prestes a deixar a faculdade de Educação da Universidade de Brasília e ficara uma saudade e um sentimento de gratidão por aqui ter aprendido tanto como docente e como educanda e até mesmo pessoa. Aqui entrou uma menina cheia de frustrações e culpas e sai uma mulher vitoriosa e convicta que a Educação transforma.

JUSTIFICATIVA

O fracasso escolar infelizmente é um problema rotineiro na sociedade e tem tido grande repercussão já que está ligado diretamente a: evasão, repetência, erro e insucesso escolar.

Sempre estudei em escola pública e fiz parte da classe média baixa, onde percebia ao meu redor casos de fracasso, era comum a realidade daquele meio. Os alunos estudavam já com uma perspectiva de concluir apenas o ensino médio em sua maioria, sempre tem aquelas exceções e fico feliz em ser uma delas.

Ao começar minha graduação em Pedagogia pude ter um contato mais íntimo com o meio educacional, onde pude observar com olhos de docência a situação, e analisar os outros ângulos contidos nela.

Ao encontrar antigos colegas de sala do ensino fundamental observei que a maioria não conseguiu concluir o ensino médio ou chegar a ingressar em um curso de graduação. Isso chamou muito minha atenção e me fez refletir sobre esse assunto. Saber o porquê isso ocorre e como é tão comum quando não deveria ser. Quais fatores têm contribuído para que cada dia mais haja essa evasão, e onde está o problema.

Ao longo da minha graduação tive a oportunidade de trabalhar em escolas de classe média alta, os alunos vêm de uma condição financeira e realidade totalmente diferente dos colegas que estudaram comigo na minha educação básica, percebi que a classe social de certa forma pode influenciar na vida escolar, mas também notei que não só ela garante o sucesso e assim as perguntas não saíam da minha cabeça e a sede de respostas me induziu a fazer essa pesquisa a fim de sanar minhas dúvidas e entender esse processo.

Outro fator que tem me chamado a atenção é que é comum ouvir dos professores que a culpa do fracasso é intitulada à família, e ouvir reclamações de pais em relação à Escola. Ou seja, uma culpa a outra e não vejo estratégias de mediação para que haja uma mudança desse contexto e que consigam uma solução para o problema, é mais fácil atribuir a culpa a alguém e fugir da responsabilidade. E assim transforma-se em um ciclo vicioso onde o problema se agrava e soluções não são tomadas.

Mas também não se podem colocar todos os motivos do fracasso escolar na escola e família, tem fatores que estão muito além desse espaço e esse é o porquê dessa pesquisa.

Mas só saber como ocorre e porque não me deixariam satisfeita como educadora, preciso ir muito além de conhecer os motivos e entendê-los, preciso de soluções, de saber como posso atuar enquanto pedagoga, o quanto posso contribuir para reverter esse problema, entender suas causas e conhecer seus motivos irão me ajudar nessa tarefa e contribuir para minha formação enquanto docente.

É na escola e nesse contexto que o sujeito é monitorado, disciplinado, preparado, e conseqüentemente demonstrará suas necessidades, suas angústias e desilusões, a partir de um sistema contextualizado em uma época em que o dinheiro e o reconhecimento social são elementos fundamentais para ser reconhecido, respeitado e visto. (CORDIÉ, 1996, p.17)

Segundo a citação acima vemos que a escola se tornou um ambiente que idealiza o aluno padrão, perfeito e que se encaixe no modelo por ela estabelecido, a fim de obter sucesso conforme a sociedade capitalista, onde a instituição de ensino se propõe em formar vencedores, e todo aquele que não estiver nesse padrão sofrerá o insucesso, assim sendo posto de lado e estereotipado como um erro no sistema.

A partir dessa visão essa pesquisa trará as causas e conseqüências do fracasso escolar na vida de um educando, mas muito mais que isso, será uma busca de outro modelo de educação, que de transformação social, um método motivador para o avesso do fracasso escolar, pois como docente em formação me nego a acreditar que não seja possível reverter esse processo, me nego a acreditar que a Educação falhou! Pois se estou aqui é porque acredito que a Educação seja um agente de transformação.

O objetivo geral deste trabalho é:

- Identificar e analisar ações da escola para evitar o fracasso escolar

Como objetivos específicos temos,

- Identificar as causas do fracasso escolar
- Analisar a relação família e escola frente ao fracasso escolar.
- Identificar ações do professor que contribuem para evitar o fracasso escolar
- Analisar a atuação do conselho escolar em relação ao fracasso escolar

Essa monografia está organizada da seguinte forma, um referencial teórico a cerca do fracasso escolar, um questionário com seis perguntas para professores da rede pública de ensino do Distrito Federal e uma análise de dados.

1. Referencial Teórico

1.1 O Fracasso Escolar.

O fracasso escolar só surgiu a partir da escolaridade obrigatória a partir do século XIX, em função das mudanças econômicas e estruturais da sociedade, (Bossa, 2002).

É na escola e nesse contexto que o sujeito é monitorado, disciplinado e preparado, e conseqüentemente demonstrará suas necessidades, suas angústias e desilusões, a partir de um sistema contextualizado em uma época em que o dinheiro e o reconhecimento social são elementos fundamentais para ser reconhecido, respeitado e visto. (Cordié;1996, p.17).

O fracasso escolar é uma patologia recente, só pôde surgir com a instauração da escolaridade obrigatória no fim do século XIX, A pressão social serve de agente de cristalização para um distúrbio que se inscreve de forma singular na história de cada um. Diante da posição de (Cordié;1996, p.22) buscam-se compreender as condições que possibilitam uma forma de subjetividade que produz esse sintoma culturalmente determinado de modo a repensar sobre os fatores implicados no fracasso escolar, aspecto sociocultural, conflitos familiares, sistemas pedagógicos, deficiência intelectual.

É comum na vida de todas as pessoas o ambiente escolar, pois lá passam anos de suas vidas, passam mais tempo na escola muitas vezes do que com a própria família. As pessoas estudam e tentam atingir a meta estabelecida para que o fluxo da vida escolar prossiga e esteja dentro do padrão estabelecido para a que seja considerado um aluno de sucesso. Quando isso não ocorre e por alguns ou muitos motivos esse processo é interrompido por não conseguirem atingir a expectativa esperada, surge a situação de fracasso, ou seja, de não sucesso. Reprovações repetidas e dificuldades de aprendizagem levam o aluno a perder a autoestima e acabar acreditando que o problema é ele e por fim desistindo dos estudos, ocasionando a evasão.

O nosso sistema educacional tem passado por uma crise com um número excessivo de repetências, evasões e dificuldades de aprendizagem, principalmente nas series iniciais. A Instituição de ensino enfatiza a padronização do aluno e frequentemente atribui ao educando a total responsabilidade por seu insucesso no âmbito escolar. Porém,

esse problema vai muito além de um único culpado, envolve vários fatores e personagens que rodeiam a o cotidiano estudantil.

O Fracasso escolar é como se fosse um grito de socorro do estudante que sozinho não consegue se adequar ao padrão estabelecido pela sociedade, e se isso permanece é porque há negligencia por parte dos participantes da construção do conhecimento, que lhes negam o direito a tal. Weiss (2007, p.25) registra que “há todo um universo ao redor que implica em estar atento também a outras perspectivas que possibilitem este estudo, sendo elas a escola, a sociedade e também o aluno”. Ou seja, Weiss mesmo dizia que cabe não só ao aluno, mas a sociedade e escola o papel de estar atento a outras perspectivas que possibilitem o aprendizado, ou seja, todos são responsáveis e tem participação efetiva nesse processo. Sendo assim, não há como culpar ao aluno por seu insucesso na vida escolar sem analisar as causas e principalmente meios de intervenção para reverter esse processo vicioso.

Segundo Torres (2004, p 34) a reprovação inventada pelo sistema educacional nada mais é que, é “a „solução“ interna que o sistema escolar encontra para lidar com o problema da não aprendizagem ou da má qualidade de tal aprendizagem”

E quando falamos da má aprendizagem também ligamos ao fato de muitos docentes despreparados em sala de aula, com uma formação de baixa qualidade e sem condição nenhum para lidar com tal situação. São professores que estereotipam os alunos como fracassados e lhes negam o direito de construir um conhecimento através de intervenções, para tais profissionais é mais fácil deixar de lado e não ter que ter o trabalho com aquele aluno que para ele já esta em declínio e não há o que fazer para ajudar. Nesses casos o que acontece é que invés de um aliado na busca do conhecimento e da descoberta o aluno tem um vilão que enfatiza que ele não conseguiu atingir a meta e não conseguirá, e então a única alternativa sempre será evadir.

A Escola teria de ser um ambiente que libertasse e motivasse os alunos, porem ela é capitalista e massificadora, ela quer alunos padronizados e estereotipados, e os que fogem a regra são em grande maioria excluídos e postos de lado como peças que não se encaixam no jogo.

Mas quando falamos desse modelo de escola, não estamos apenas mencionando a Escola de classe baixa, pois o Fracasso Escolar não tem distinção de gênero raça ou

condição financeira. Scoz (1994, p.53) registra que “a pobreza dos alunos aparece como forte determinante dos problemas de aprendizagem”.

Temos que nos precaver para não atribuir o fracasso apenas as classes desfavorecidas, porque por mais que possam ser em sua grande maioria oriundas de situação financeira baixa, não significa que seja sempre desse modo.

Analisando do ponto de vista teórico do que seria o Fracasso Escolar, Senna (2008) traz que o termo “fracasso escolar” ainda é muito vago na literatura acadêmica, pois ainda não existe uma definição apropriada. Mas em sua visão

“Do ponto de vista teórico, o fracasso escolar é tão-somente a negativa da educação formal e nada mais, de modo que se resumiria à definição genérica de algo como „não aprendizagem”” (SENNA, 2008, p.199).

Quando falamos de quem são os “culpados” é necessário que se faça uma sondagem teórica a respeito do assunto. Para André (2005), a sociedade coloca a maior parcela da culpa principalmente sobre o aluno. Ele quem traz em si uma carga genética que o impossibilita de aprender ou o mesmo não tem interesse em buscar conhecimento e se mostra desinteressado perante os conteúdos escolares. Toda a rotulação incide sobre a criança, culpando-a e deixando a carga toda do insucesso sobre ela, o aprendiz não consegue atingir e meta almejada pela sociedade e sentindo incapaz e fora de padrão, o que só piora a situação, levando a desistência na maioria das vezes. Bossa (2002) coloca que, a criança que não aprende o que é determinado pela escola e pela sociedade, suporta toda rejeição daqueles que buscam o ideal narcísico.

Ao manter o desejo de criança ideal, a escola e a sociedade acabam por negar as diferenças e segregando a infância em dois grupos: o grupo da criança ideal como puro objeto de desejo social e o grupo da “criança-problema”, que insiste em existir e mostrar o quanto é ilusório esse ideal. (BOSSA, 2002)

Bossa (2002), traz sua visão sobre o papel da escola, ele diz que a função principal da escola seria de proporcionar uma melhor qualidade de vida para os cidadãos, porém ao que não se adequam ao perfil idealizado escolar acabam sendo marginalizados, ela reforça e enfatiza o fracasso, excluindo socialmente crianças. Esses mecanismos de exclusão em sua maioria são estimulados pelos próprios professores.

André (2005) reforça essa opinião ao dizer que nas instituições escolares há um tratamento nas diferenças que pode favorecer os favorecidos e desfavorecer os

desfavorecidos. Como exemplo, em sala de aula pode prevalecer a preferência, pelo professor, àqueles alunos mais educados, limpos, bem vestidos e um esquecimento dos alunos sujos, mal vestidos, desmotivados. As diferenças de tratamento geram desigualdades, preconceitos, exclusões, desmotivações e o desinteresse do educando em aprender num ambiente que nunca lhe é favorável.

Nagel (1989 *apud* FORGIARINI, 2007) aponta que o fracasso é apresentado como “produto de professores mal qualificados” e que os atores da escola não devem esperar por legislações externas, e sim se disporem a agir em um projeto de “reflexão e ação”. Porém Bossa (2002) os defende, inspirada por Paulo Freire, ao dizer que os professores apenas refletem aquilo que lhes foi transmitido, que os educadores assim como foram oprimidos pelo sistema acabam por reproduzir essa opressão em seus alunos.

Outro fator que tem peso quando se trata do porque do fracasso escolar é a localização das escolas, que dependendo de onde se estabelece provem de benefícios diferentes das demais. Segundo André (2005), a maioria das escolas que ficam em bairros pobres é precária, tem pessoal menos experiente e menos qualificado, oferecendo assim baixa qualidade de ensino. Isso só vem acentuar o processo de exclusão social e o fracasso escolar que os alunos sofrem pela não qualidade de aprendizagem. Já as escolas que ficam bem localizadas dispõem de melhor infraestrutura, pessoal habilitado, professores mais estáveis e que provavelmente oferecerão um melhor ensino para uma população já favorecida.

Senna (2008) coloca que o fracasso nada mais é do que uma inclinação social para a exclusão e um dos vários mecanismos de marginalização social. Pois ao segregar uma criança dizendo a ela que não é capaz, não se encaixa no padrão e, não pertence ao grupo de vencedores. Ele tira esses futuros cidadãos da esfera pública e política, construindo sujeitos que não farão parte da voz da sociedade, uma massa não crítica e que não opinará ou terá importância no seu meio social, pois lhes foi tirado esse direito. Segundo Gramsci, todos precisam ter acesso à cultura dominante, à cultura socialmente construída e apropriada de maneira privada, que dê as devidas condições de todos serem dirigentes, ou melhor, de todos estarem em condições de assumirem funções de dirigentes (GRAMSCI, 1979 *apud* CASTRO, 2007).

A instituição escolar deve ter como principal dever desenvolver o potencial que existe dentro de cada educando, fazendo com que ele aprenda a conhecer, aprenda a

fazer, aprenda a conviver e aprenda a ser. Isso dentro de suas capacidades e não com expectativas de pré-determinadas. BOSSA, 2002)

Na década de 30, com o surgimento da Escola Nova e a propagação dos conhecimentos da psicologia, o termo fracasso passa a ser enfatizado pelas diferenças individuais, fundamentado nas ideias de genialidade hereditária. A medicalização do fracasso iniciou-se quando os casos de dificuldades de aprendizagens passaram a ser diagnosticados e tratados por psiquiatras. Esse diagnóstico de fracasso se destina, em grande parte, para as crianças filhas da classe trabalhadora de grandes cidades (PATTO, 1996 *apud* FORGIARINI, 2007). Gramsci (1979 *apud* CASTRO, 2007) traz também uma abordagem sobre a escola nova e diz que esta representa a reafirmação da superioridade das classes favorecidas num processo de transformação de diferenças em desigualdades.

A escola deveria ser um ambiente de transformação e igualdade social, onde os educandos pudessem encontrar um local de aprendizagem tanto cognitiva quanto social, que pudessem usá-la como mecanismos para combater as desigualdades sociais, mas segundo Bourdieu (1992 *apud* NOGUEIRA, 2002), ela reproduz e legitima as desigualdades sociais. Para ele ela se perdeu e esqueceu-se do papel de democratizar e acabou se tornando uma legitimadora de privilégios sociais.

Cultura que não é deste ou daquele colégio, deste ou daquele professor, nem apenas do sistema escolar, mas das instituições sociais brasileiras geradas e mantidas, ao longo deste século republicano, para reforçar uma sociedade desigual e excludente. (ARROYO, 1992, p.46).

Conforme Arroyo não há diferença entre escola particular ou pública, que ambas fazem parte de um sistema excludente. Para ele a escola sustenta essa cultura numa estrutura rígida com uma hierarquia em pirâmides “preocupada apenas com o domínio seriado e disciplinar de um conjunto de habilidades saberes” (ARROYO, 1992, p.47).

A escola deveria ser imparcial e neutra e não seletiva como se segregasse talentos julgados pelos preferências de grupos dominantes que são apresentados erroneamente como uma cultura universal.

Para Bourdieu (1992 *apud* NOGUEIRA, 2002), o indivíduo é um ator socialmente configurado em mínimos detalhes. Suas preferências, aptidões, posturas corporais, gostos, aspirações relacionadas ao futuro profissional, dentre outros, são fatores socialmente construídos. Sendo assim, o grau variado de sucesso ou fracasso escolar

alcançado pelos alunos ao longo de sua vida escolar não podem ser explicados por seus “dons”, relacionados à sua constituição biológica ou psicológica, mas sim por sua estirpe social, que os colocam em situações mais ou menos favoráveis diante das cobranças escolares.

A cultura imposta como verdadeira pelas classes dominantes é refletida, essencialmente, na cultura escolar. Bourdieu (*apud* NOGUEIRA, 2002) nesse sentido ele explica que para as classes dominantes a cultura escolar é a sua própria cultura, já para as desfavorecidas ela lhes é estranha. Para o Sociólogo a avaliação escolar nada mais é que uma forma de legitimar o julgamento cultural e moral do educando.

[...] a escola é uma instituição sociocultural. Está organizada e pautada por valores, concepções e expectativas. Está perpassada por relações sociais na organização do trabalho e da produção. Em outros termos, os alunos, os mestres, a direção, os pais e as comunidades não são meros recursos e materiais. São sujeitos históricos, culturais. A própria instituição escolar é um produto histórico, cultural e age e interage numa trama de complexos processos socioculturais. A escola é uma organização socialmente constituída e reconstruída. (ARROYO, 1992, p. 48)

De certa forma a escola mostra –se como igualitária, ela transmite os mesmos conteúdos a todos os alunos, as mesma sala de aula, as mesmas intervenções e mesmo modo de ensinar, porém para Bourdieu (1992 *apud* NOGUEIRA, 2002) as chances são desiguais já que a escola parte do pré suposto que todos os alunos possuem a mesma maturidade e bagagem de conhecimento, como se todos tivessem sido inseridos na cultura escolar dentro da sua cultura familiar, onde a linguagem e os conteúdos escolares são parte de sua rotina.

Sabe-se também que cada criança tem suas capacidades e potencialidades voltadas para alguma área cognitiva, afetiva ou social. Gramsci (1979 *apud* CASTRO, 2007) defende que existem também aqueles que demonstram outros tipos de habilidades que não são impostas pela vida acadêmica, segundo sua visão “todos são intelectuais” e possuem capacidade de transformação social e mesmo os que tem capacidade físico ou motora utilizam de alguma forma sua capacidade intelectual.

Contudo não podemos olhar apenas a questão social como fator principal do fracasso escolar, é preciso observar o individuo e seu lado emocional também, a criança que não alcança o objetivo da escola e por consequência não aprende o que lhe é designado, no mínimo sofrerá um sentimento de rejeição.

Os danos que ele causa na vida da criança são irreversíveis, tanto pela natureza da experiência emocional, que em geral representa uma ameaça ao ego, quanto do ponto de vista maturacional. (BOSSA, 2002, p. 70)

Contudo é preciso analisar vários aspectos do insucesso escolar a partir de varias abordagens e buscar uma transformação no sistema para que haja uma nova perspectiva a respeito do desenvolvimento cognitivo, motor, social e emocional a fim de interações que revertam esse processo e fazer com que a escola cumpra de fato seu papel.

1.2 Breve Histórico da Família.

Conceituar a palavra família não é uma tarefa fácil, principalmente com a diversidade vivida pela sociedade na década atual.

Segundo o dicionário Aurélio essa palavra se conceitua por: **1** Conjunto de pessoas, em geral ligadas por laços de parentesco, que vivem sob o mesmo teto, particularmente o pai, a mãe e os filhos. **2** Conjunto de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma linhagem ou provenientes de um mesmo tronco; estirpe. **3** Pessoas do mesmo sangue ou não, ligadas entre si por casamento, filiação, ou mesmo adoção, que vivem ou não em comum; parentes, parentela.

Segundo Prado (1991), a origem histórica do termo família vem do latim 'famulus', que significa um conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor. Entre os dependentes inclui-se aí, a mulher e os filhos. Dessa forma a família greco-romana era composta de um patriarca e seus fâmulos.

Para Bourdieu (2005) "a família é um conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento, filiação, ou excepcionalmente, por adoção (parentesco), vivendo sob o mesmo teto (coabitação)" (p.124).

Prado (1991) alerta sobre a característica predominante de fenômeno social que a família possui. A autora afirma que muito além de um objeto natural, a família vem-se transformando, absorvendo costumes, mudando sua constituição e funções de acordo com o momento histórico e a região em que esteja.

Como exemplo, basta refletirmos sobre a ambigüidade social relativa à mulher que dá à luz. À primeira vista, tratar-se-ia de uma mãe com o respectivo filho. No entanto, para ser considerada como mãe, não teria sido suficiente [...] passar pelo [...] processo de gravidez e parto. É preciso,

conforme a cultura a qual pertença, que tal processo tenha se dado segundo os usos e costumes [...] (PRADO, 1991, p.12).

Na citação acima podemos observar que o fator social se sobrepõe ao fator natural quando se define o que é ser mãe. A família passou por vários estágios ao decorrer dos tempos até chegar ao que hoje é chamado de monogâmica. Morgan (1970) define a família em cinco formas diferentes de organizações:

Família consanguínea: consta da primeira etapa da organização familiar. “Fundava-se sobre o Inter casamento de irmãos e irmãs, carnais e colaterais” (p. 56). Aqui se constitui de matrimônio de entes do mesmo sangue, excluindo pais e filhos.

Família punaluana: nesta etapa, já se exclui o casamento entre irmãos. Passa a ocorrer, de acordo com o costume havaiano, “o casamento de várias irmãs, carnais e colaterais, com os maridos de cada uma das outras, [...] e [...] o casamento de vários irmãos, carnais e colaterais, com as esposas de cada um dos outros, no interior de um grupo”. (p. 56)

Família sindiásmica: aqui já havia sido proibido o casamento entre pessoas de um mesmo grupo. Ocorria o matrimônio entre casais pertencentes a grupos diferentes, em que não existia a obrigação de coabitação exclusiva.

Família patriarcal: “fundava-se sobre o casamento de um só homem com diversas mulheres” (p.57).

Família monogâmica: este tipo de família nasce da sindiásmica e é o último estágio de evolução da família na “barbárie” (p.56).

A monogâmica consiste no casamento entre casais individuais de grupos diferentes, que exige para sua existência, a coabitação exclusiva das partes. Engels (1973)⁶ aponta ainda que na família monogâmica, o homem detinha todo o poder sobre os filhos e mulher. A ele era dado o direito de romper com o vínculo matrimonial e de ser infiel. Este tipo de família pode ser considerado o esboço da família tradicional que originou os modelos familiares existentes hoje no mundo ocidental.

É válido citar que em alguns países ainda existe a família poligâmica que consiste de um único homem casado com mais de uma mulher. O que não é o caso do Brasil.

Segundo Aries (1981) a família no século XVI foi mudando seus paradigmas de acordo com o pensamento social a respeito da criança. Anteriormente a criança não tinha

o seu espaço dentro da sociedade, era tratada como um adulto mirim e não lhes era dada a proteção cabível a sua fragilidade em relação ao adulto. E isso só mudou quando a sociedade começou a perceber o quanto a criança era indefesa e precisava de cuidados, o quanto era dependente. E a partir desse momento que a família começou a funcionar em torno da criança.

Assim surgiu também o sentimento de instituição familiar, deixando de ser criadas por seus mestres e começando a frequentar escolas com cargas horárias em que pudessem passar mais tempo no convívio familiar. Ainda nesse período a família era dependente do pai ou senhor da casa, que era responsável por manter não só esposas e filhos mas parentes e todos que vivessem na casa. Era intitulada a relação de família patriarcal, onde o pai além de responsabilidades financeiras detinha o poder de decisão e ordem da família, a mulher cabia à administração da casa, cuidado com os filhos e obediência ao marido, aos filhos cabiam a obediência ao pai e cuidados com os irmãos e propriedades.

Essas descrições de modelo familiar dizem respeito a camadas privilegiadas da sociedade europeia, não abrangendo às camadas populares. Sobre estas últimas pouco se têm registros sobre sua organização familiar (PRADO, 1991).

A função da família em relação a perspectivas sociais era:

[...] função sexual, reprodutiva, econômica e educacional. As duas primeiras garantem [...] a satisfação sexual e a reprodução dos entes [...]. A função econômica assegura os meios de subsistência e bem-estar. A função educacional é responsável pela transmissão, à criança, dos valores e padrões culturais da sociedade (OLIVEIRA, 1993, p. 65).

É importante frisar que a família tradicional europeia possuía dentre suas características a de manutenção dos bens dentro da família durante gerações. Isso ocorria, pois o patriarca sempre transmitia para o primogênito da casa o direito e o dever de zelar pela propriedade e pelos bens da família. Caso os outros filhos permanecessem na família de origem, estes passariam a obedecer ao irmão mais velho e trabalhariam, por toda vida, na propriedade da família. Dessa forma, o grupo familiar patriarcal detinha sob sua posse o indivíduo por toda sua vida e intervindo em suas atividades educativas e profissionais, mantendo-o sempre preso à propriedade familiar (PRADO, 1991, p. 65).

Com o avanço das transformações de pensamento social, houve também “a reorganização da casa e a reforma dos costumes que [...] deixaram um espaço maior

para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças da qual se excluía os criados, os clientes, e os amigos” (ARIÈS, 1981, p. 267).

Na sociedade burguesa surge uma organização familiar diferente, em que a família era formada pelas díades pai e mãe; mães e filhos; ou pais e filhos (FLANDRIN, 1984 apud RIBEIRO, 2005).

Pôster (1979) apontou outro modelo familiar, que coexistiu naquele período, a família proletária. Era formada pelos níveis mais baixos da sociedade urbana e “desenvolveu uma estrutura de família sob condições de angústia social e econômica” (p. 209).

Esse modelo citado foi formado no período industrial onde várias famílias inteiras trabalhavam fábricas e enfrentavam jornadas de trabalho exaustivas por salários baixos e condições mínimas.

Marx (1982) reconhece que nesse período industrial a maquinaria das fábricas necessitou empregar mulheres e crianças, as quais ganhavam menos que os homens. O trabalho forçado nas fábricas substituiu o tempo livre e o convívio familiar, o que acabou afastando afetivamente mães e filhos.

Nesse sentido não cabe mais só ao pai o dever e responsabilidade com o sustento da família e também é deixado de lado o costume de manter as gerações presas aos negócios da família.

[...] a organização familiar, antes predominantemente patriarcal e extensa passou a dar espaço a uma família mais reduzida. Aumenta, portanto, o número de indivíduos celibatários, os casos de concubinatos, proliferando-se assim, a quantidade de filhos ilegítimos. As mulheres, solteiras ou casadas passam a chefiar as famílias e a exercer atividades econômicas fora do ambiente doméstico (MONCORVO, 2008, p.16).

Podemos analisar a partir desse período histórico que a família é mutável e se transforma conforme o momento social a qual esta inserida. Nos dias atuais ela é bem diversificada em sua organização, há famílias com um pai e filhos, mães e filhos, avós e netos, famílias adotivas, e famílias homo afetivas.

Segundo o IBGE:

O tamanho das famílias brasileiras, que na década de 80 foi de 4,5 pessoas em média, chega ao fim dos anos 90 com apenas 3,4 pessoas. A família tradicional, composta pelo casal com filhos, caiu de quase 60%, em

1992, para 55%, em 1999, ao mesmo tempo em que aumentou a proporção de outros tipos de composição familiar: de mulheres sem cônjuge e com filhos (de 15,1% para 17,1%) e de casal sem filhos (de 12,9% para 13,6%). [...] A redução do tamanho da família pode ser explicada, sobretudo, pela acentuada queda na taxa de fecundidade nas últimas três décadas, de 5,8 filhos, em 1970, chega a 1999 com 2,3 filhos. Fatores como a mudança de valores culturais do brasileiro e o ingresso maciço de mulheres no mercado de trabalho também influenciaram a redução da família ao núcleo conjugal com filhos (CENSO 2000).

Há uma preocupação maior com os estudos e desenvolvimento social e cognitivo da criança por parte da mesma. Ela é o primeiro meio social em que a criança tem contato, e é a partir dela que os primeiros estímulos com o meio escolar acontecem ou não.

1.3 A Família e Escola.

A família sendo o primeiro grupo social em que a criança tem contato, se torna o seu primeiro agente socializador mantendo

[...] relação direta com seus membros, onde [...] ela [...] cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, a primeira imagem de si mesma e os primeiros modelos comportamentais [...]. Isso contribui para a formação de uma “base de personalidade”, além de funcionar como fator determinante no desenvolvimento da consciência, sujeita a influências subsequentes (SOUZA; FILHO, 2008, p. 2).

Szymanski (2009) afirma que, ao considerar a família como grupo social com funções educativas, não se “pode olhá-la como atuando isoladamente em relação às demais agências sociais” (p.26),

Portanto não se pode descontinuar um processo educativo, assim a escola se torna o segundo agente socializador que a criança tem contato, ela junto à família têm o papel da construção do desenvolvimento social da mesma.

Cabe à escola, como ambiente educativo, organizar suas práticas pedagógicas para dar condições ao educando a desenvolver-se integralmente, tornando-o cidadão crítico e reflexivo apto para atuar em sociedade. Dessa forma, para cumprir com sua função educativa, a escola deve ser um espaço democrático de informação e transformação contínua, em que se propicie o desenvolvimento das capacidades do

educando de modo a favorecer-lhe compreender, intervir e usufruir das questões sociais e culturais da comunidade em que vive (PCN, 1997).

A escola e família reconhecem seu papel perante o educando e sabem que é necessário que caminhem juntas na mesma perspectiva, porém nem sempre é o que de fato acontece.

Por um lado, a escola ainda afirma que as famílias dos educandos não têm condições de educá-los, são desestruturadas, omissas e que por isso cabe a ela além de cumprir com sua função social, abarcar a função social da família. Quanto a isso se argumenta que

[...] a família é o primeiro espaço de referência, proteção e socialização dos indivíduos, independente das múltiplas formas e desenhos com se apresenta atualmente [...] e não cabe a escola nem nenhuma outra instituição [...] substituir a família no atendimento à criança: ao contrário, como aliados da família devem fortalecê-la (CENPEC, 1998, p. 51).

De todas as transformações que ocorreram na família deve se salientar que foram devidas as transformações vividas pela sociedade, na qual a própria escola faz parte.

É preciso evitar categorizações do tipo família “regular” ou “normal” X família “irregular” ou “desestruturada”, que acabam por revelar ou gerar preconceitos os quais, por sua vez, podem dificultar e até inviabilizar [...] a articulação entre escola e família [...] (CENPEC, 1998, p. 51).

Quando a escola estereotipa a família como desestruturada ela revela um preconceito e deixa de levar em consideração que o que mais importa no seio familiar são os laços afetivos. Tornando assim dificultoso o processo de aproximação da mesma e a escola. É preciso que haja uma interação entre as partes e que se sintam seguras, independente de estruturação, de modo que possa haver uma interação e participação ativa dentro do convívio escolar.

Também não pode se deixar de levar em conta que muitas famílias também não investem na proximidade da vida escolar dos filhos por falta de tempo, pois trabalham muito para sustentar o lar e acabam deixando de lado essa interação, por erroneamente acharem também que a escola é a única detentora do saber e aceitarem como verdade absoluta os estereótipos que ela reproduz também são responsáveis por esse

afastamento que só prejudica o educando e traz malefícios e dificuldades para todas as partes.

Nesse processo de aproximação entre escola e família, cabe à escola, como instituição possuidora de conhecimentos e mecanismos de participação, aceitar as famílias como são, evitando representações sociais negativas; disponibilizar os espaços de participação, auxiliando as famílias em como utilizá-los, mesmo com as dificuldades de tempo e ajudar às famílias, quando necessário, a cumprir com sua função social, em decorrência de auxílio a questões burocráticas, e encaminhamentos a outras instituições sociais. Essas medidas aliadas a outras questões promoveriam maior aproximação entre escola e família, reduzindo as desconfianças e desigualdades entre elas, promovendo uma educação democrática em prol do desenvolvimento integral do educando.

O envolvimento e a participação da família nos trabalhos realizados com as crianças contribuem para que educadores e dirigentes [...] conheçam e compreendam melhor a criança ou o jovem atendido, seus anseios e dificuldades, levando-os a construir propostas educacionais mais adequadas (CENPEC, 1998, p. 57).

Dessa forma, pode-se notar que tanto escola, como família são de importância complementar no desenvolvimento do educando, e que ambas trabalhando juntas podem proporcionar e facilitar estratégias de aprendizagem e soluções de conflitos nos quais muitos alunos estão inseridos, e no contexto do fracasso escolar sem dúvida alguma são aliadas ao processo de reversão do mesmo. Porque a escola sozinha não vai sanar as dificuldades do aprendiz e nem tanto a família sem o apoio da escola pode conseguir chegar a raiz do problema e encontrar soluções cabíveis.

Segundo Sayão e Aquino (2004), a tendência atual nos conflitos entre escola e família é a inversão de papéis entre as duas instituições, em que escola quer ser família e cobra da família responsabilidades pedagógicas que só são da escola. Nesse parâmetro, a escola ainda almejando a cooperação da família, mas pensando-a com base no modelo tradicional ou burguês, entende que a família atual deixou de assumir seu papel educativo e comportar-se como amigos de seus filhos. Essa concepção faz com que a escola represente as famílias como omissas e irresponsáveis.

Por exemplo, é importante frisar que o dever de casa não é uma tarefa dos pais, pois estes geralmente não possuem preparação didático-conceitual, nem tempo para ajudar os filhos nas atividades. A lição de casa é um exercício para a autonomia do

educando e, portanto, para ser realizado é preciso que o professor explique a atividade ao educando e deem os subsídios para que eles possam respondê-la em casa. Acaba que a escola cobra uma função pedagógica aos pais que não lhes compete.

Outro fator que desdobra em conflitos entre família e escola é de quando os pais são chamados para conversar a respeito dos filhos e afim de entender seu comportamento os mesmos caírem no erro de contar seus segredos e conflitos familiares ao corpo docente, onde acabam estereotipando a família como desestruturada e sem condições de educar os filhos. Sayão e Aquino (2004) ainda afirmam que não cabe à escola (coordenadores, psicólogos, pedagogos e professores) o papel de orientar os pais quanto à educação de seus filhos.

Essa intimidade da escola nas questões familiares, contudo, não é de todo negativo. Ao invés de utilizar as questões familiares para estereotipar as famílias e justificar o insucesso de um educando, o que cabe à escola nesse processo é utilizar essas informações para entender o educando com base na sua dinâmica familiar, e criar estratégias e espaços de atendimento tanto para os pais quanto para os filhos.

A revista Nova Escola/Gestão Escolar (2009) apresenta um artigo sobre a relação escola e família e elenca 13 ações, que foram adaptadas a esse texto, que podem viabilizar essa relação:

1. Apresentar a escola e os funcionários à família, para que assim eles possam apropriar-se do espaço e sentirem-se parte dele.

2. Fazer uma entrevista com os pais e os alunos, para poder proporcionar à escola conhecimento sobre estes no sentido de que a unidade escolar possa adequar-se ao atendimento a esse público.

3. Assegurar a participação no Projeto Político Pedagógico, a fim de assegurar o direito às famílias de participarem do desenvolvimento pedagógico da escola e valorizar os conhecimentos fornecidos por elas.

4. Ter um foco no processo de ensino, pautando as reuniões na evolução da aprendizagem e maneiras de aperfeiçoá-las, ao invés realizar reuniões para compartilhar os insucessos dos educandos, o que só faz afastar os pais da escola.

5. Marcar encontros em horários adequados para os pais levando em consideração a falta de tempo que estes têm devido a ampla jornada de trabalho que possuem.

6. Dar visibilidade à produção dos alunos, para que os pais possam acompanhar a evolução dos filhos.

7. Informar a comunidade sobre o andamento da escola, através de bilhetes, murais comunicados, a fim de mostrar transparência em suas ações e respeito aos pais.

8. Constituir a Associação de Pais e Mestres (APM);

9. Incentivar a participação no conselho escolar. Tanto as APMs como os conselhos, por serem espaços coletivos de exercício da democracia podem ser usados como instrumento de participação comunitária o que já estreita o vínculo com os pais.

10. Disponibilizar os espaços para realização de eventos, a fim de que a comunidade ao utilizar do espaço escola passe a valorizá-lo ainda mais como um bem público.

11. Criar uma Escola de Pais com palestras e debates, como um mecanismo de auxílio aos pais ajudando-os a compreender melhor seus filhos e a realidade.

12. Visitar as famílias dos alunos em casa, de modo que amplie a visão da escola sobre a comunidade ou a família em questão.

13. Promover festas e comemorações que se configurem como uma forma descontraída de estreitar os laços com as famílias. As 13 proposições da Revista são ótimas medidas para melhorar o relacionamento entre a escola e a família; contudo isso não significa que a escola deva aplicar obrigatoriamente todas ou tudo de uma vez. Cada escola pode ir adequando essas sugestões de acordo com o público que atenda e a comunidade que pertença.

Desse modo pode-se inferir que cada unidade de ensino pode implantar essas medidas ou utilizá-las como base para uma intervenção no conflito/afastamento que permeia a relação escola e a família. Apesar de que a preocupação com uma melhor relação entre escola e família não é somente de responsabilidade da escola. A família também deve preocupar-se e apoiar a escola quando forem tomadas essas medidas. Elas devem caminhar na mesma direção com mesmo objetivo, mas a escola por ser detentora do papel de educadora e agente de transformação tem o poder de tomar as iniciativas cabíveis quando não houver essa interação.

1.4 Ações que evitam o fracasso escolar

Está na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): as escolas têm a obrigação de se articular com as famílias e os pais têm direito a ter ciência do processo pedagógico, bem como de participar da definição das propostas educacionais. Porém nem sempre esse princípio é considerado quando se forma o vínculo entre diretores, professores e coordenadores pedagógicos e a família dos alunos.

É comum entre muitos gestores e professores as reclamações a respeito da participação dos pais no desenvolvimento escolar dos filhos, são atribuídos a esse fato o insucesso escolar dos mesmos. Sem dúvida a importância da família dentro do âmbito escolar já é um fato de conhecimento dos docentes.

É preciso que a Escola tome providências para que seja revertido o processo de fracasso escolar, para que se consiga não só achar a raiz do problema, mas também encontrar o ponto alvo para a solução.

Ao realizar esta pesquisa encontrei algumas propostas usadas no combate ao fracasso escolar, estratégias para evitá-lo e conseguir que o aluno obtenha sucesso no seu desempenho escolar, uma delas seria a proposta pedagógica e o planejamento escolar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 diz que a proposta pedagógica é um documento de referência. Por meio dela, a comunidade escolar exerce sua autonomia financeira, administrativa e pedagógica, também chamada de projeto pedagógico, projeto político-pedagógico ou projeto educativo, a proposta pedagógica pode ser comparada ao que o educador espanhol Manuel Álvarez chama de "uma pequena Constituição". Nem por isso ela deve ser encarada como um conjunto de normas rígidas. Elaborar esse documento é uma oportunidade para a escola escolher o currículo e organizar o espaço e o tempo de acordo com as necessidades de ensino. Além da LDB, a proposta pedagógica deve considerar as orientações contidas nas diretrizes curriculares elaboradas pelo Conselho Nacional da Educação e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

A autora Lucita Briza traz em seu artigo na revista Nova Escola (2005) a proposta para que planejamento seja algo resultado de uma reflexão coletiva, que proporcione espaços para que cada uma das partes exponha seus objetivos e interesses com bases nos princípios educativos, harmonizando as diferenças entre grupos que compõem a escola. Fica claro na visão da autora que um importante nesse desafio é a coerência entre a teoria e a prática pedagógica

"O planejamento serve como roteiro para os professores, permitindo aplicar no dia-a-dia a linha de pensamento e ação da proposta pedagógica" Santana (2005).

Briza (2005) sugere também a revisão periódica para que seja adaptado a novas realidades e que seja revisado para acertos e erros podendo modificar se sendo reavaliado. Ela traz dois exemplos de escolas bem sucedidas:

Uma das escolas é a Escola Estadual de Educação Básica Frei Nicodemos, fica na região de Santa Catarina, localizada em comunidade de baixa renda. Quando fundada seu intuito maior seria de abranger os filhos de trabalhadores da localidade, que mesmo com classes super lotadas era preciso oferecer educação de qualidade para se combater a evasão e a repetência.

Para a escola é preciso promover a inclusão social com ensino de qualidade, a fim de combater a evasão escolar e a repetência, aumentar o tempo de permanência dos alunos dentro do ambiente escolar. Para que esses objetivos sejam alcançados a escola enfatiza a importância da família dentro do meio escolar, pais são chamados para reuniões periódicas, investem também na intensificação no aprendizado de leitura e escrita, de resolução de problemas, inclusão de novos espaços de ensino aprendizagem e atividades extracurriculares.

A escola foi reformada para atender os alunos em período integral com atividades extras curriculares, foram ministradas também aulas de reforço de Matemática e Língua Portuguesa, aulas de iniciação a pesquisa científica e reuniões quinzenais de avaliação.

A diretora da escola Marilú Maldaner Ghiozi diz que "Uma das vantagens do planejamento coletivo é a maior integração do trabalho dos docentes; o difícil é fazer uma ideia obter a aprovação da maioria"

Quando a direção da escola foi assumida por Ghiozi em 2003 , tinham apenas uma proposta pedagógica sem a participação da comunidade, onde sua primeira ação foi justamente montar uma reunião com professores , funcionários e representantes de pais, alunos e comunidade para juntos discutirem e elaborarem uma proposta de fácil entendimento e comum acordo entre as partes.

Com base em um questionário respondido pelos pais que sugeriram uma escola com ensino amplo com educação estrangeira, já que as condições financeiras daquela população não lhes permitiam pagar por cursos extracurriculares. Com essas e outras

sugestões foi implantado na escola o programa de escola de ensino de integral, sendo inseridas aulas de dança, informática e inglês. Por fim a escola conseguiu melhorar as notas dos alunos gradativamente em Língua Portuguesa e Matemática, e a procura pelas aulas extracurriculares cresceram bastante.

Briza faz referencia a outra escola que também conseguiu a reversão do fracasso escolar, a Escola Nova Lourenço Castanho. Instituição de ensino particular em bairro de classe média em São Paulo –SP.

A Escola se propõe em formar alunos comprometidos com os problemas sociais para que sejam no futuro, adultos atuantes e buscar a excelência no ensino e novas experiências pedagógicas. Para isso ela conta com a contribuição de profissionais de diversas áreas como psicólogos, sociólogos e médicos, a fim de ajudar os professores a entender as necessidades dos alunos, avaliando regularmente suas metodologias e práticas docentes, promovendo momentos de avaliação permanente. São trabalhados projetos interdisciplinares e eixos temáticos, usando de preferencia temas que estejam sendo tratados pela mídia.

Para Gouveia a proposta pedagógica de qualidade para uma escola deve:

- Ser resultado da discussão de toda a comunidade escolar.

- Conter princípios pedagógicos que correspondam ao contexto e à prática da sala de aula dos professores.

- Se adaptar sempre que houver mudanças no público, na realidade da comunidade e, com isso, nos objetivos do ensino.

Já para um bom planejamento que contemple a aprendizagem de todos, é necessário que operacionalizar os conteúdos fundamentais para a escola, garantir a articulação entre todos os segmentos escolares (desde a Educação Infantil até o Ensino Médio) e entre as áreas de conhecimento. E prever tempo para formação docente e para reuniões pedagógicas.

Além dessas escolas que garantiram seu sucesso através do planejamento e proposta pedagógica, também existem outros fatores de dentro da escola que contribuem para o sucesso do aluno dentro da escola.

Quando se trata de motivação e desmotivação dentro da escola, vários fatores são levados em consideração, porém não há como dissertar sobre o assunto sem que se observe a relação professor - aluno. É comum nos corredores de escolas ouvirem que por causa de tal professor o aluno não gosta de determinada matéria, e também que por causa de outro professor o aluno que não sentia afinidade com alguma matéria se identificou com a mesma. Por isso, entende-se que, *“dentre as causas da desmotivação, o planejamento e o desenvolvimento das aulas realizado pelo professor constituem fatores determinantes”* (MORAES e VARELA, 2007, p. 02).

Cabe o professor despertar no aluno o interesse pela aprendizagem, regatando no educando o prazer de aprender. Ele deve buscar estratégias para elaboração de suas aulas com ludicidade e coerência com o cotidiano dos alunos, fazendo que haja um sentido em aprender, que consigam enxergar a importância daquele conteúdo dentro da rotina deles. “o contexto de ensino-aprendizagem é influenciado por muitos fatores, onde se destacam fatores afetivos vigentes na relação professor-aluno” (OLIVEIRA FILHO, 2009, p. 01).

Por meio de uma dentro da Universidade de Brasília pude conhecer um projeto de uma escola pública da Ceilândia-DF, que por meio da motivação conseguiu transformar realidades de alunos de classe desprovida de recursos financeiros. O projeto a princípio foi criado para preparação de alunos para Olimpíadas de Matemática, mas acabou agente de transformação social na vida de adolescentes do ensino médio.

Escola no DF é ‘fábrica de medalhas’ nas Olimpíadas de Matemática. *Jornal Nacional/G1/Globo.com* (2015).

O Centro de Ensino Médio Nove, em Ceilândia, a 40 quilômetros de Brasília, é uma fábrica de medalhas. Desde 2012, a escola tem se destacado em todas as edições da Olimpíada. Os professores Alessandra e Marcos Paulo desenvolvem o projeto "Matemática Todo Dia". E os alunos aprendem a matéria de um jeito mais atraente, aplicada ao cotidiano.

Os alunos relatam que o grande sucesso do projeto se dá pelo casal de professores que regem voluntariamente o projeto. Eles são responsáveis pela motivação desses alunos que em sua maioria não tinham grandes perspectivas educacionais, muitos desses alunos que já passaram pelo projeto hoje estão dentro da Universidade de Brasília fazendo graduação.

“O professor que tem que acabar motivando o aluno, porque é ele que passa o conteúdo”, *Paulo* *Victor.*

“É importante que o professor motive os alunos. E a Olimpíada de Matemática dá toda a estrutura para o professor trabalhar. Tem os livros, os bancos de questões, tem material no site, então vai do interesse mesmo, da boa vontade, da motivação”, (Lisboa).

O projeto não conta patrocínio, é cedida pela escola uma sala dentro do seu espaço geográfico onde os alunos têm aula de reforço de Matemática, ele conta também com a colaboração dos próprios alunos que ajudam uns aos outros dando aulas a medida que aprendem.

O resultado do Matemática Todo Dia fez do CEM 09 um campeão na Olimpíada. Dos 300 participantes do projeto, entre 2007 e 2013, 86 foram premiados na OBMEP. No ano passado, nove conquistaram uma vaga no Programa de Iniciação Científica (PIC). O trabalho de Alessandra e Marcos Paulo contabiliza ainda 60 jovens aprovados em universidades públicas – 58 na Universidade de Brasília e dois na Escola Superior de Ciências da Saúde. E outros 50 estudantes obtiveram bolsa integral do Prouni para fazer o curso superior em faculdades particulares. Os professores Marcos e Alessandra são ex-alunos da escola.

Para muitos desses adolescentes ingressarem no ensino superior era visto como algo impossível e além de suas realidades, mas graças ao projeto e a motivação de que lhes rendeu prêmios e resultados positivos, eles hoje se sentem capazes não só de ingressar no ensino superior como de sair de sua realidade de pobreza através da educação.

1.5 Conselho Escolar.

Segundo o MEC O Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares tem por objetivo fomentar a implantação dos conselhos escolares, por meio da elaboração de material didático específico e formação continuada, presencial e a distância, para técnicos das Secretarias Estaduais e Municipais de educação e para conselheiros

escolares, de acordo com as necessidades dos sistemas de ensino, das políticas educacionais e dos profissionais de educação envolvidos com gestão democrática.

Aos conselhos escolares cabe deliberar sobre as normas internas e o funcionamento da escola, além de participar da elaboração do Projeto Político-Pedagógico; analisar as questões encaminhadas pelos diversos segmentos da escola, propondo sugestões; acompanhar a execução das ações pedagógicas, administrativas e financeiras da escola e mobilizar a comunidade escolar e local para a participação em atividades em prol da melhoria da qualidade da educação, como prevê a legislação.

A democracia dentro da escola é fundamental para uma harmonização do ambiente segundo Bobbio (2000), “quando se quer saber se houve um desenvolvimento da democracia num dado país, o certo é procurar saber se aumentou não o número dos que têm direito de participar das decisões que lhes dizem respeito, mas os espaços nos quais podem exercer esse direito”

O conselho escolar é uma gestão colegiada, tirando o poder de decisão das mãos de apenas um gestor, democratizando espaço escolar trazendo a comunidade para juntos terem deveres e direitos. A tarefa mais importante do conselho escolar é acompanhar a proposta educativa e o desenvolvimento da aprendizagem, estando em meio ao planejamento, na implementação e na avaliação das ações que a escola toma diante a situações de fracasso de escolar. Ele participa ativamente do projeto político- pedagógico e em sua prática acompanhando as avaliações de forma corresponsável.

Essa prática tem o sentido de trazer para as escolas, uma educação emancipadora e democrática, que transforme realidades sociais invés de apenas estar preocupadas com conteúdo. A função do conselho tem caráter político trazendo mudanças desejáveis a prática escolar, trazendo mecanismos para que de fato essa transformação social aconteça.

Segundo o caderno 2 do Conselho escolar do MEC: sua função básica e primordial é a de conhecer a realidade e indicar caminhos que levem à realidade desejada.

2. METODOLOGIA

2.1. Definição de pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa representa à natureza dos dados, de acordo com Gonsalves (2001) ela trata acerca da interpretação e compreensão de um dado fenômeno, a exigir do pesquisador um entendimento amplo acerca do problema em questão, com a utilização de diversos instrumentos disponíveis.

Ao que diz respeito à caracterização do pesquisador, Silveira e Córdova (2009, p.32) descrevem que:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o por quê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

A pesquisa qualitativa não está preocupada com a representação numérica, mas sim com aspectos referentes à realidade. Centra-se na compreensão e explicação da dinâmica presente nas relações sociais. Silveira e Córdova (2009, p.32) apontam algumas características da pesquisa qualitativa, são elas:

[...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Ou seja, ela esta mais ligada a fatos subjetivos que vão além de números, e esta ligada a compreensão de fatos e análise dos mesmos.

2.2. Pesquisa exploratória e descritiva

A pesquisa exploratória e descritiva esta ligada ao desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominada “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para elaboração de estudos mais aprofundados sobre o tema. Gonsalves(2001).

Além disso, esse tipo de pesquisa proporciona maior conhecimento do pesquisador com o problema, o que permite que se torne mais claro. Abarcando um levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas relacionadas ao problema estudado, como explana Silveira e Córdova (2009).

A pesquisa descritiva esta mais preocupada em apresentar características e não em saber o porquê de fenômenos. Esta tem como objetivo redigir as características de um objeto de estudo, como relata Gonsalves (2001). Este tipo de pesquisa compreende “[...] as características de um grupo social, nível de atendimento educacional, como também aquelas que pretendem descobrir a existência de relações entre variáveis” (GONSALVES, 2001 p.67).

2.3. Coleta de dados

A ferramenta utilizada nesta pesquisa foi o questionário, o qual é composto por uma sequência de perguntas, as quais são respondidas por escrito, sem necessitar da presença de um entrevistador. No questionário deve conter uma explicação acerca da natureza e da importância da obtenção das respostas para a pesquisa, buscando desta forma, despertar o interesse do recebedor, com o objetivo de que preencha e devolva o questionário no prazo estipulado, como alega Marconi e Lakatos (2003).

O questionário foi elaborado com seis perguntas, e distribuído para cinco professores do ensino fundamental I da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal. A fim de entender as ações da escola frente ao fracasso escolar.

2.4 Sujeitos da pesquisa

Segundo Gonsalves (2001), os sujeitos da pesquisa compreendem àquelas pessoas nas quais a investigação é direcionada. Contudo, tanto o investigador quanto o investigado são sujeitos da pesquisa, pois é na interação entre estes, em que os dados são elaborados. Nesta abordagem, percebe-se o sujeito investigador como produtor da

realidade, e sobre esta estão conferidos significados circundantes das mudanças das configurações sociais.

A presente pesquisa foi realizada com professores da rede de ensino pública da Secretaria de Estado e Educação do Distrito federal. Responderam o questionário professores de uma escola de zona rural do Núcleo Bandeirante, de uma escola na área administrativa do DF em Taguatinga e uma escola na Asa Norte Plano Piloto. Por mais que eu trabalhe na rede particular de ensino resolvi fazer minha pesquisa na rede pública, pois acredito que o professor tenha mais autonomia para agir dentro de sala de aula, assim podendo ter mais ação em relação ao fracasso escolar.

3. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo irei analisar os dados coletados por meio dos questionários respondidos pelas professoras da rede pública. São dados que por causa do reduzido número não devem ser generalizados, fazem parte da realidade dessas profissionais. As questões relacionam-se com o objeto desta pesquisa e tem como objetivo conhecer e analisar as ações da escola referente ao fracasso escolar.

A questão 1 versa sobre o que se entende por fracasso escolar, os professores em sua maioria responderam que esta ligado a dificuldade de aprendizagem por parte dos alunos, o não sucesso no avanço cognitivo.

Cordié, (1996, p.22) compreende que as condições que possibilitam uma forma de subjetividade que produz esse sintoma culturalmente determinado de modo a repensar sobre os fatores implicados no fracasso escolar, aspecto sociocultural, conflitos familiares, sistemas pedagógicos, deficiência intelectual. Entende se que o fracasso escolar é quando o aluno não atinge uma meta de aprendizagem estabelecida por seu meio social e educacional, quando esse aluno não se encaixa no padrão estabelecido é tido como um fracasso, não conseguiu atingir o desenvolvimento previsto para sua idade e serie, o que ocasiona a repetência e evasão.

A segunda questão pede as que os profissionais relatem segundo suas visões as causas do fracasso escolar, quatro professoras concordaram que o fator social e a autoestima são os principais fatores do fracasso escolar. Apenas o professor 5 aponta o fracasso escolar como culpa do aluno e seu desinteresse.

Dizem para oprimido que a deficiência é dele e lhe prometem uma igualdade de oportunidades impossível através de educação compensatória que já nascem condenados ao fracasso quando partem do pressuposto que seus destinatários são menos aptos à aprendizagem escolar. (PATO, 2010 p.76).

Segundo a autora, os sujeitos das classes desfavorecidas financeiramente já estão condenados ao fracasso pela sociedade, pois a mesma os considera incapazes em relação as classes mais favorecidas. Ela frisa que a sociedade é dividida em classes.

O fracasso escolar não está ligado apenas as condições socioeconômicas, mas não se pode negar o quão importante essa questão é a respeito do tema, as questões

sociais tem peso significativo na vida do aluno em relação ao fracasso escolar, pois para o mesmo é negado o direito a educação partindo do pressuposto que já se tem um estereotipo de não sucesso para sua condição. Já a respeito da opinião do professor que responde no questionário que a culpa é do aluno, podemos perceber que há todo um contexto histórico e social até que aquele aluno não reprove ou não consiga obter resultados em sua trajetória escolar.

Na questão 3 é perguntado aos professores se a formação tem ajudado a lidar com a questão do fracasso escolar. A maioria respondeu que em parte sim, mas que se sentem despreparados para situações diversas dentro da escola, que apenas sua formação não supre as necessidades para atuar dentro da escola com sua diversidade e complexidade, “processos inadequados respondem por boa parte da indiferença, apatia, turbulência, e agressividades verificadas.” (Patto 2010 p.119).

O autor atribui a situação atual da escola brasileira à má formação dos professores, despreparo pedagógico e falta de dom para a docência, mas enfatiza também que a política educacional que insiste em destinar o primeiro ano de professores sem necessária motivação e vocação para alfabetização.

Visto que muitos professores estão desmotivados pelas condições de trabalho da escola pública, pela desvalorização de sua classe, torna-se mais maçante a tarefa de lidar com o fracasso escolar, as graduações em docência também deixam a desejar no seu currículo em termos da prática pedagógica, e acaba mandando professores despreparados para lidar com as condições reais da escola brasileira.

Dando sequência às respostas dos profissionais ao questionário, na quarta questão é indagado aos docentes quais ações são tomadas para auxiliar seus alunos com dificuldades de aprendizagem. Eles enfatizam a criação de estratégias através da percepção da dificuldade apresentada a fim de conseguir reverter esse processo, lembrando que cada aluno é singular e que métodos aplicados com sucesso para uns não garantem o mesmo resultado para todos. Também é citada a importância de conciliar família e escola, através de reuniões e uma parceria com pais, para conhecer melhor a realidade do aluno, assim podendo buscar melhores formas de ajuda-lo. “[...] é preciso adaptar as atividades educativas as necessidades e possibilidades do aprendiz.” (PATO, 2010 p.119).

O professor tem que perceber as dificuldades do aluno e seu contexto social e familiar para bolar estratégias pedagógicas, para que consigam atingir resultados no processo de ensino aprendizagem, trazendo para o conteúdo cognitivo para realidade daquelas crianças. A participação da família é de cunho importante nesse processo, por isso o docente tem que buscar métodos de envolver os pais ao cotidiano escolar do aluno, para que seja uma parceria entre escola, professor, família e aluno.

Na questão 5, é perguntado aos professores se a escola tem alguma ação para combater o fracasso escolar. Os professores concordaram que na escola que atuam há ações frente ao fracasso escolar, citam salas de recurso com profissionais preparados, e uma espécie de agrupamento, em que os alunos com dificuldade são separados em grupos com menor quantidade para que consigam analisar de perto suas dificuldades e assim buscar melhores estratégias para que sejam sanadas. “A escola que o ensino é de má qualidade será evitada pelas crianças como um castigo.” (Patto 2010 p.119).

O primeiro momento que traz o aluno para interesse aos conteúdos pedagógicos é a motivação. A escola precisa se apropriar de estratégias que visam deixá-la atraente aos olhos do educando, ela precisa estar preparada para trabalhar com alunos de realidades diferentes, com contextos sociais e vivências distintas. Por mais que todos os fatores externos sejam ou não responsáveis pelo fracasso do aluno, cabe a escola reverter esse processo. A escola é responsável por tentar trazer a família para dentro do seu cotidiano, por ter estratégias que visem transformar aqueles alunos condenados ao fracasso em exceções. Essa escola que tem esse projeto de separar alunos com dificuldades dos outros em agrupamento para que sejam trabalhados com eles de modo diferente, apenas segrega e reafirma a condição de que são incapazes em relação aos outros, o que prejudica a autoestima, declarando para aquele aluno que ele realmente não conseguiu acompanhar a turma, a média, o padrão.

A última questão do questionário, a número 6, os professores são questionados a respeito do conselho de classe, e suas ações frente aos alunos com dificuldades. Todos responderam que sim e que se reúnem para analisar as dificuldades dos alunos e juntos procurar estratégias pedagógicas para intervenção junto ao fracasso escolar. O que me deixou curiosa nas respostas foi que nenhum deles citou a presença da comunidade, pais e alunos no conselho, todos relataram apenas ações e participações apenas dos docentes.

Segundo o MEC o conselho escolar é uma gestão colegiada, tirando o poder de decisão das mãos de apenas um gestor, democratizando espaço escolar trazendo a comunidade para juntos terem deveres e direitos. A tarefa mais importante do conselho escolar é acompanhar a proposta educativa e o desenvolvimento da aprendizagem.

O Conselho Escolar é um grande aliado à escola para o enfrentamento das dificuldades dos alunos, ele promove a democracia dentro do ambiente escolar, escutando tanto a sociedade, quanto famílias e educandos, tornando assim mais compreensível a análise de onde estão as causas dos problemas enfrentados por todos os participantes do ambiente dentro da escola. Através do conselho escolar é possível que haja uma interação entre todos os envolvidos dentro da escola, dar autonomia de escolha aos alunos do que eles acham que pode melhorar dentro da sala de aula pode facilitar muito o trabalho do professor, tirando a imagem de autoridade do mesmo como se ele fosse o único detentor do saber dentro de sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O realizar esta pesquisa busquei entender as causas do fracasso escolar, e que ações a escola tem frente ao mesmo. Foi realizada a pesquisa dentro da rede pública de ensino da Secretaria de Estado e Educação por meio de um questionário para cinco professores.

As respostas dos professores apontam muitas falhas dentro do ambiente escolar, e se sentem em sua maioria insatisfeita com suas condições de trabalho. Os mesmos ligam as condições de fracasso escolar a fatores externos, onde o meio social e a família são responsáveis pelo não sucesso dos alunos.

Durante a pesquisa pude perceber que a reprovação é a solução que sociedade inventou para lidar com a não aprendizagem dos alunos, ou seja um meio de apenas reafirmar o que aquele aluno já foi predestinado por seu meio social e cultural, que ele não será capaz de atingir a meta estabelecida pela sociedade e que nada lhe restará a não ser evadir.

Alguns docentes da rede de ensino pública atuam com um modo de segregar separando os alunos que tem dificuldades dos outros, para que na visão deles haja uma melhor contribuição para o aprendizado, podem não perceber mais estão apenas reafirmando um discurso histórico de que eles estão fora da norma padrão. Pude perceber também que mesmos os professores estão desmotivados dentro do ambiente escolar e suas condições de trabalho, o que dificulta a situação porque se o próprio docente esta descrente na mudança como ira motivar o educando? Um de deles até culpa o aluno, que na visão dele não tem interesse e por isso não aprende. Se essa for a visão não terá capacidade de ajudar esse aluno que para ele pediu para estar nessa situação.

Através da pesquisa percebe se que o Conselho Escolar não tem muita participação dos alunos e da sociedade, a única visão que é a do lado do docente, sem muita democracia o que acaba impossibilitando de que se escute a outra vertente dos fatos.

Enfim, a instituição de ensino se prontifica a estabelecer estratégias para que evitar o fracasso escolar , porém ainda não são suficientes para que se consigam soluções cabíveis. Os professores precisam de motivação e o projeto politico da escola precisa de

uma revisão, através do conselho escolar com a participação de todos os integrantes do âmbito escolar, o tornando mais democrático e acessível. Culpar os pais e a família não vai resolver os problemas do aluno, e se os mesmos não participam das atividades relacionadas a escola, a mesma é responsável pela integração com os pais, buscando formas para que esse convívio aconteça.

O fator motivacional é fundamental para o interesse do aluno ao conteúdo curricular dentro do ambiente pedagógico, com isso é fundamental a interação aluno e professor para que a aula se torne atrativa para o educando e não um castigo ao qual ele é submetido e não vê a hora de acabar.

Por fim acredito que a educação seja o fator chave para os problemas sociais do Brasil, e esse enfrentamento do fracasso escolar tem de partir da escola. É claro que não só a escola pode solucionar esse problema, até porque na maioria das vezes a própria enfatiza e estereotipa os alunos predestinados ao fracasso, mas ela sim é detentora do conhecimento pedagógico e tem o poder de tomar a iniciativa de buscar o avanço e transformar realidades.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A conclusão da monografia é o fechamento de uma importante etapa na vida do estudante. O final do curso representa o fim de um ciclo e o começo de outro. Para mim, a graduação em Pedagogia foi a certeza do caminho que quero seguir. Sem dúvidas não me imagino fazendo algo fora desta linha de educação, mais precisamente em sala de aula e em convívio com as crianças.

Ao longo da minha graduação na Universidade de Brasília, pude conhecer varias disciplinas e compreender a amplitude do curso de Pedagogia, são varias áreas a se atuar. Durante o período de formação eu pude fazer estagio em escolas de educação infantil e ensino fundamental I, que fizeram se apaixonar pela sala de aula, a rotina e as crianças.

Atualmente trabalho em uma Instituição de ensino particular do Distrito Federal como professora auxiliar do Jardim II. Pretendo continuar nesta Instituição e assumir o cargo de professora regente. Sei que ainda há muito que aprender e que a experiência vem com a prática, mas espero continuar com momentos de formação a minha prática.

É fato que essa profissão tem inúmeros desafios desde o lado financeiro até a prática diária, mas acredito que com amor, dedicação, e muito trabalho, a sala de aula se torna um lugar prazeroso. Tanto ensinar quanto aprender algo novo é maravilhoso e não tem preço. Essa troca de experiência, de vivência, e de saber que você está realmente fazendo a diferença na vida de alguém é gratificante. Receber o carinho daquelas crianças que veem você com olhos de admiração é realmente maravilhoso.

É motivador ver aquela criança que chegou no começo do ano e que não conhecia nem letras do alfabeto, desenvolver habilidades e expressá-las escrevendo seus nomes. Fico admirada com quem não tem a sensibilidade de enxergar a beleza da profissão que escolhi. Posso afirmar que escolhi a profissão dos meus sonhos, pois poder estar em contato com os seres mais sonhadores e esperançosos todos os dias, me faz acreditar e “pegar” também esse olhar inocente deles.

Por fim, estou feliz com a escolha profissional que fiz para minha vida, espero atuar na área educacional até a aposentadoria e pretendo transformar vidas através do conhecimento, do afeto e da motivação a meus alunos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. Pedagogia das diferenças na sala de aula. São Paulo. 6ª ed.. Papyrus, 2005.
- ARIÈS, Philippe. A Vida Escolástica. In: ARIÈS, Philippe. **História Social da**
- ARROYO , Miguel G. Em aberto, Brasília, ano 11, n.53, jan./mar. 1992.
- Autores Associados, 2005. p. 1-29.
- BOURDIEU, Pierre. Espíritos de Estado: gênese e estruturado campo burocrático.
- BRASIL. Lei 9394. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação**, de 20 de dezembro
- Brasília: Líber Livro, 2009.
- Campinas/SP: Papyrus, 2005. cap. 4.
- CASTRO, Michele Corrêa de; RIOS, Valdir Lemos. Escola e educação em Gramsci, 2007.
- CENPEC. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação
- Comunitária. **A escola e sua função social**. São Paulo: CENPEC/UNICEF, 1994.
- crescente poder feminino na contemporaneidade. In: _____ . **Criando**
- Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. cap. 2.
- de 1996. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em:
- de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78,
- Disponível em:
- Dissertação (Mestrado em Psicologia) PUC / Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- escolar numa perspectiva histórica, 2007.
- FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos. Escola pública: fracasso
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5. ed. São Paulo: Alínea, 2011
- In. LOMBARDI, J. Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, M. Isabel M e
- In: **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. 7ª ed.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl. **O Capital**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MONCORVO, Maria Cecília Ribeiro. Família brasileira: do patriarcalismo colonial ao

MORGAN, L. H. A família antiga. In: CANEVACCI

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação

os filhos sozinha: a perspectiva feminina da família monoparental. 2008. 103 p.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de sumissão e rebeldia. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

Pesquisa, v. 38, n. 133, jan./abr. 2008

PRADO, Danda. **O que é família**. 12ªed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SAVIANI, Dermeval. História da Escola Pública no Brasil: questões para pesquisa.

SENNA, Luiz Antonio Gomes. Formação docente e educação inclusiva. Cadernos de

SOUSA, Jacqueline Pereira de. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Fortaleza, 2012.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. 2ªed.

TORRES, Rosa María. Repetência Escolar: falha do aluno ou falha do sistema. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández & Colaboradores. Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: Artmed, 2004, p 34-42.

APÊNDICE

Professor 1.

Tempo de atuação na SEE/DF: 24 anos e 4 meses.

Série em que atua: 2º ano do Ensino Fundamental

Formação: Pós-Graduação em Psicopedagogia

Escola: Escola Classe Ipê

1. O que você entende por fracasso escolar?

O fracasso escolar para minha compreensão está vinculado autoestima, algo que inviabiliza a capacidade de um ou mais alunos de aprender, de acreditar que são capazes de apropriar-se da aprendizagem.

2. O que você aponta como causas do fracasso escolar?

- *Baixa autoestima;*
- *Falta de apoio familiar;*
- *Condições financeiras: fome, desnutrição;*
- *Todo o conjunto de privações com o qual as classes sociais menos privilegiadas.*

3. Sua formação contribui para a sua atuação frente a alunos com fracasso escolar?

Em parte! Sou formada em Geografia, tenho Curso Normal (antigo Magistério), Pós-Graduação em Psicopedagogia mas em muitas situações recebo muitos alunos que precisam de algo além das habilidades que posso oferecer, percebo que a inclusão as vezes se torna uma exclusão diante de tantas dificuldades.

4. O que você faz para auxiliar o aluno que tem dificuldades de aprendizagem?

- *Atividades direcionadas individuais;*
- *Atividade extraclasse;*
- *Encaminhamento à Equipe de Orientação e Apoio e Aprendizagem;*
- *Apoio da família em realizar exames oftalmológicos, neurológicos entre outros.*

5. A escola tem alguma ação concreta em relação a superação do fracasso escolar?

Sim. Apoia os professores para que o trabalho aconteça sempre em equipe, mantém um contato com a família, determina ações individuais integrando o aluno a evoluir a sua autoestima.

6. Existe conselho escolar na sua escola? Como ele atua em relação aos alunos com dificuldades?

Sim. A cada final de bimestre procuramos detalhar as dificuldades e procurar soluções para alcançarmos a tal defasagem. Não somente em conselhos de classe, pois participamos de reuniões coletivas semanalmente e temos a oportunidade de relatar os nossos anseios, as dificuldades, enfim, o que nos incomoda em uma sala de aula.

Professor 2.

Tempo de atuação na SEE/DF: 10 anos

Série em que atua: 1 ano

Formação: Especialização em Educação Infantil

Escola: Escola Classe Ipê

1. O que você entende por fracasso escolar?

Entendo que são dificuldades de aprendizagem que se dão por fatores inerentes ou não ao estudante, como: (resposta do número 2)

2. O que você aponta como causas do fracasso escolar?

Contexto socioeconômico em que o estudante se encontra, desamparo familiar, desmotivação dos professores, método de avaliação que prioriza apenas o quantitativo (que mede o conhecimento através de notas), difícil adaptação social da criança, autoestima baixa, sistema de ensino que padroniza o conhecimento, como se todas as crianças devessem responder da mesma forma, caso contrário, são taxadas de "incapazes".

3. Sua formação contribui para a sua atuação frente a alunos com fracasso escolar?

Minha formação sim, mas a realidade que vivo diariamente me mostra que o único caminho é o de simplificar o sistema separando os alunos bons e os alunos ruins. Não há possibilidade de se fazer um trabalho diferenciado e individual porque são muitos alunos em sala e uma única responsável por tudo, a professora. A própria secretaria de educação aplica um teste nas séries do 5 ano (Provinha Brasil) para medir o conhecimento das crianças e fazer um ranking de avaliação das escolas públicas. Desde o 1 ano, já se fala em preparação para essa prova. Trabalha-se muito mais uma obtenção de notas satisfatórias do que para formação de cidadãos felizes. E essa ideia vem de cima. Mesmo com documentos, currículos que dizem que devemos priorizar mais a qualidade do que a quantidade, mais o "o que eu sei" do que o "o que eu não sei", ainda assim, o contexto mostra uma situação que não favorece as crianças com dificuldades de aprendizagem.

4. O que você faz para auxiliar o aluno que tem dificuldades de aprendizagem?

Faço reunião com os responsáveis para saber a história de vida da criança em detalhes. Oriento os responsáveis. Tento estabelecer uma relação de confiança entre a família e eu. Nada de julgamentos. Nada de cobranças. Apenas uma ajuda mútua. Também, tento acompanhar a criança de forma individual e diferenciada. Aquilo que deu

certo com um estudante, pode não dar para ele. Tento mudar as estratégias. Mas não é fácil. Falta tempo, falta espaço, falta apoio. Nem sempre isso é feito da melhor forma.

5. A escola tem alguma ação concreta em relação a superação do fracasso escolar?

Tem várias. É uma escola responsável. Fazemos o máximo que podemos, mas mesmo o nosso máximo se torna pouco frente a situações tão complicadas. A escola tem o hábito de fazer reagrupamento, para enxergar estas crianças mais de perto e entender quais caminhos usar para chegarmos até ela. São grupos menores de crianças que estão em um nível de aprendizado parecido. Poderíamos pensar em fazer diferente. Em colocar crianças estão avançadas com as que não estão para que se ajudem. Mas isso nunca foi feito. Geralmente, é o professor o centro do processo mesmo.

Existe, também, uma sala de recursos com uma profissional qualificada. Ela atende individualmente crianças diagnosticadas com algum tipo de dificuldade.

6. Existe conselho escolar na sua escola? Como ele atua em relação aos alunos com dificuldades?

Existe. Ele é um espaço usado para colocarmos os problemas e pensarmos, juntas, numa solução. Todas as professoras ajudam com os estudantes das outras, dando conselhos, ideias, opiniões, sugestões. São feitos encaminhamentos de diversas ordens: para a orientadora educacional, para a equipe de apoio, para a sala de recursos, para fonoaudiólogos, oftalmologistas. Pensamos em estratégias de ensino... Enfim, é um momento rico, importante para encararmos estas dificuldades com responsabilidade, afeto e segurança.

Professor 3.

Tempo de atuação na SEE/DF: *Um ano e quatro meses.*

Série em que atua: *5 ano.*

Formação: *Pedagoga*

Escola: *Escola Classe 115 Norte*

1. O que você entende por fracasso escolar?

Em minha opinião, é a não apropriação da aprendizagem do aluno que pode se dar por fatores externos ao ambiente escolar e ou internos que normalmente resultam em reprovação, evasão e baixa autoestima, ou seja, o insucesso escolar.

2. O que você aponta como causas do fracasso escolar?

Podem ser extraescolares onde está relacionado diretamente com às más condições de vida e de subsistência de grande parte da população brasileira, a falta de acesso a cultura e muitas vezes ausência da família para que se possa fazer um trabalho em conjunto com a escola, deixando muitas vezes a responsabilidade somente nas mãos do professor. E Intra-escolares que estão relacionados a metodologia de ensino utilizada pelo professor que nem sempre atinge determinado tipo de aluno, a indisciplina por parte do aluno, a falta de interesse do corpo docente em buscar sua formação continuada para estar sempre se atualizando e se apropriando do conhecimento necessário à profissão e a própria baixa autoestima do aluno que deveria ser melhor observada e trabalhada pelo professor.

3. Sua formação contribui para a sua atuação frente a alunos com fracasso escolar?

Não porque a graduação em pedagogia não prepara o professor nem para entrar em uma sala de aula.

4. O que você faz para auxiliar o aluno que tem dificuldades de aprendizagem?

Busco outros métodos pedagógicos para atingi-lo.

5. A escola tem alguma ação concreta em relação a superação do fracasso escolar?

Sim. O reagrupamento é um deles.

6. Existe conselho escolar na sua escola? Como ele atua em relação aos alunos com dificuldades?

Sim. Procuramos falar dos alunos com dificuldades e buscamos juntos soluções para tentar sanar tais dificuldades encontradas.

Professor 4.

Tempo de atuação na SEEDF: 20 Anos

Série em que atua: Professora readaptada em sala de projeto especial

Formação: Especialista em Educação Infantil\Especialista em gestão escolar

Escola: Escola Classe Ipê - Zona Rural Núcleo Bandeirante

1. O que você entende por fracasso escolar?

Na minha compreensão o fracasso escolar é a falta de aprendizagem, ou aquisição de conhecimentos previstos para o aluno no processo de escolarização, mas também vejo como uma falha no trabalho docente por falta de preparo, conhecimento e formação.

2. O que você aponta como causas do fracasso escolar?

Alunos com distúrbios não diagnosticados, falta de acompanhamento familiar, condições de aprendizagem precárias (ambiente escolar e condições sociais do aluno), falta de preparo, conhecimento e formação do professor.

3. Sua formação contribui para a sua atuação frente a alunos com fracasso escolar?

Em parte. Estudo continuamente para conhecer mais e melhor o universo do letramento, o currículo das séries iniciais e da Ed. Infantil, e outros temas que forma estudados de forma superficial ou simplesmente desconheço e preciso aprendê-los para uma melhor atuação.

4. O que você faz para auxiliar o aluno que tem dificuldades de aprendizagem?

Procuro criar meios e estratégias que possam auxiliar os alunos que estejam defasados ou com dificuldades de aprendizagem com materiais variados em forma de jogos, auxílio de TI como tablets e computadores, sempre utilizando de registros escritos, de maneira que o aluno aumente seu interesse e auto estima, e torne-se participante, interessado percebendo sua capacidade de interagir, aprender e avançar.

5. A escola tem alguma ação concreta em relação a superação do fracasso escolar?

Aqui na escola temos o Projeto Interventivo, o projeto especial no qual atuo (Sala do Conhecimento) e a Sala de Recursos que é um trabalho da rede de ensino da SEEDF.

6. Existe conselho escolar na sua escola? Como ele atua em relação aos alunos com dificuldades?

Sim. O conselho funciona de maneira deliberativa, onde cada professor relata sobre os alunos que apresentam “problemas”, dificuldades ou defasagem no processo de aprendizagem. Estes alunos são submetidos a testes e são atendidos pelo próprio professor (neste caso o grupo de professores propõem estratégias para o projeto interventivo e demais projetos), ou são encaminhados através de fichas para a equipe de apoio pedagógico composta por um orientador, um psicólogo e um psicopedagogo que irão auxiliar no processo de atendimento e encaminhamentos de acordo com as dificuldades apresentadas(neste caso o aluno deverá ser submetidos a exames médicos neurológicos, fonoaudiólogos a serem realizados pela rede pública ou conveniada) e de acordo com os resultados o atendimento será realizado pela Sala de Recurso com profissional especializado.

Professor 5.

Tempo de atuação na SEE/DF: 6 meses

Série em que atua: 3 ano do Fundamental.

Formação: Pedagogia

Escola: EC 16 Taguatinga Norte

1. O que você entende por fracasso escolar?

O aluno não assimilar o conteúdo e não estar preparado para encarar a vida fora dos muros da escola.

2. O que você aponta como causas do fracasso escolar?

Desinteresse do aluno, a falta de professor, burocracia para substituir professor doente ou afastado, falta de acompanhamento dos pais.

3. Sua formação contribui para a sua atuação frente a alunos com fracasso escolar?

Sim e não. Sim, pois como pedagogo estou apto a lidar com todo tipo de ensino e o que lhe acarreta. Porém não é uma coisa que o apenas o professor consiga resolver, é um esforço conjunto de professor, família e aluno.

4. O que você faz para auxiliar o aluno que tem dificuldades de aprendizagem?

Procuro focar na dificuldade que o aluno tem não o deixando para traz mas com relação a turma e sim fazendo com que ele trabalhe essa "deficiência" em paralelo

5. A escola tem alguma ação concreta em relação a superação do fracasso escolar?

Superação não, existe acompanhamento de perto dos alunos no geral e casos específicos que são encaminhados a orientação educacional para um acompanhamento mais profundo e detalhado. A escola proporciona os meios, mas cabe além da indicação do professor, o interesse do aluno em melhorar é fundamental, pois se pode fazer muitas coisas e nada adiantarem se a postura do aluno não mudar.

6. Existe conselho escolar na sua escola? Como ele atua em relação aos alunos com dificuldades?

Existe sim, é bem atuante e bem presente principalmente com relação as faltas, se o aluno falta um dia já tem alguém ligando e perguntando porque, o que aconteceu e etc.